



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

AÍ, TU! WAI-CHECK?

Marcos Roberto Inhauser

Não é de hoje que tenho percebido que o nome ou sobrenome de algumas pessoas tem algo a ver com o caráter delas. Isto não é novidade. Os antigos semitas davam o nome a uma pessoa no desejo de que elas fossem o que o nome significava. Daí a profusão bíblica de nomes terminados ou iniciados com “El”, em uma alusão ao desejo de ter a proteção divina ou alguma relação especial com a divindade.

Na história brasileira já vi várias vezes nomes e sobrenomes de pessoas que estavam envolvidas em algum caso de maior notoriedade e que seus nomes ou afirmavam uma coisa positiva ou um aspecto negativo. Muitas vezes até deu para fazer troça dizendo: também com um juiz com um nome destes não podia dar outra coisa.

Minha memória nunca foi boa para guardar nomes, coisa que vem se agravando com o acúmulo de pólen na vida, em decorrência das primaveras vividas. Tenho para comigo que esta concentração de pólen afeta o cérebro. Não me lembro de nenhum caso agora dentre os vários em que notei o que acabo de dizer. Outros, com um pequeno trocadilho, se pode ver coisas interessantes. Recordo de um que fiz em uma coluna aqui publicada, que saiu como Fé-verino Cavalgante, onde mostrava o conservadorismo fundamentalista religioso e as patacoadas que o presidente do Congresso andava (e anda) dizendo.

Nestes dias, com o escândalo dos Correios veio à tona um empresário que mandou gravar a fita em que o Marinho embolsava três mil reais. Ele afirmou na CPI que sua ação teve somente objetivo comercial, com o intuito de mostrar que as licitações eram feitas com cartas marcadas, mediante pagamento de dividendos os que dirigiam as concorrências através das especificações técnicas.

O seu relato mostra que, pelo menos segundo a sua ótica e o vídeo que gravou, os ganhadores das licitações tinham que negociar a comissão dos funcionários. Era a pergunta: “e aí? Vai cheque por fora?” Ninguém melhor que um Arthur Wascheck para encenar esta ópera bufa.

É verdade que muito do que hoje se conhece se deve a um aparato tecnológico que possibilita escutas telefônicas, gravações com micro-câmeras, escutas a longa distância, rastreamento de movimentações financeiras, coisas inimagináveis há uma década. As recentes operações da Polícia Federal em conjunto com a Receita, têm suas investigações feitas com bases nestes recursos e têm exposto ao país o câncer dos esquemas de vai-cheque por fora.

No entanto, dada às apurações que se iniciaram com o esquema PC/Collor, onde se descobriu o laranjal em que se transformaram as contas bancárias, surge agora nos episódios do Correio e do Mensalão a figura do pagamento em espécie, como forma de evitar rastros identificáveis nas investigações. O Marco Valério, acusado de ser o homem da mala, retirou quantias vultosas de suas contas correntes para, segundo ele, comprar gado, porque fazendeiros não aceitam cheque.

A ser verdade, a próxima gravação de corrupção será feita por um tal sr. Waigrana.